# CANTIGA DE TRABALHO: FORÇA E RESISTÊNCIA CONTRA A SEVERIDADE DO SISTEMA ESCRAVISTA NO BRASIL COLÔNIA

Área temática: História

#### Luiz Antônio Coutinho<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Graduando do 3º Período de História pela Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu – FACIG.

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo mostrar a trajetória dos negros africanos, enquanto escravos no Brasil, de maneira a demonstrar que, mesmo trabalhando nos engenhos, nas minas ou mesmo nas cidades e sofrendo com a opressão imposta por seus senhores, estes resistiram de diversas formas: fugas, rebeliões, sabotagens, e principalmente, através de seus cantos de trabalho que, em certas ocasiões, serviam de protesto contra o brutal sistema escravista.

Palavra chave: canto de trabalho, escravidão, protesto, religião.

## INTRODUÇÃO

### A vida na África

Antes da chegada dos portugueses, a África Atlântica tinha sua estrutura social bem definida. Vivia-se em uma sociedade tribal, onde existia a escravidão, mesmo que doméstica, e o escravo era parte integrante da família. A vida tinha sua constância no trabalho, principalmente na agricultura, e a religião tinha na força da natureza a base da crença dos nativos africanos que, com seus tambores, dançavam e cantavam: para chover; para se ter uma boa colheita; no nascimento de um filho; na lida diária; para dar ritmo as ações de trabalho coletivo, enfim, cantavam para tudo.

É importante notar que o negro africano tem a musicalidade na alma, o que não significa que outros povos não a tenha. O ser humano, até mesmo mais do que os pássaros, é um cantor extraordinário. A música provoca uma atenção plena porque vem de fontes do ser onde a vontade calculadora, controladora, não detém o controle. A canção surge simplesmente, brota de alguma raiz escondida em nosso ser. A carne torna-se livre na canção e faz ressoar sua presença. Um sujeito canta, mas existe algo na canção que vai além de uma auto educação completa (DESMOND, 1990). Segundo Kátia Mattoso (2003), o tráfico foi o responsável por quebrar a estrutura social e política que vigorava na África, onde homens livres tinham o direito de possuir escravos.

Nas zona saelo-saariana os escravos chegaram a representar entre 30 e 50% da população.

Neste sentido, John Thornton, fornece uma explicação para a força da escravidão na África:

A escravidão era difundida na África Atlântica porque os escravos eram a única forma de propriedade privada rendimentos aue produzia reconhecidos nas leis africanas. Em contraste, nos sistemas legais europeus a terra era a principal forma de propriedade privada lucrativa, e a escravidão ocupava uma posição relativamente inferior. De fato, a posse da terra era em geral uma précondição na Europa para a utilização produtiva dos escravos, ao menos na razão agricultura. Em de característica legal, a escravidão era de muitas maneiras 0 equivalente do relacionamento funcional proprietário da terra com seu arrendatário talves igualmente dissiminada.

Neste sentido, foi a ausência de propriedade privada – ou para ser mais preciso, foi a propriedade coorporativa da terra – que levou a escravidão ser tão difundida na sociedade africana.(THONTON, 1949 P.125)

Revista da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu – Facig (ISSN 1808-6136). Pensar Acadêmico, Manhuaçu, MG, v. 5, n. 2, p. 73-78, agosto-dezembro, 2011.

Nessa sociedade, a riqueza se baseava no número de escravos que se tinha e não na terra, pois esta pertencia a todos, sendo preciso de alguém que trabalhasse para fazê-la produzir. Muitos homens e mulheres se tornaram escravos por causa de guerras; outros se ofereciam para ser escravos, pois o clima desfavorável tornava difícil a sua sobrevivência. Assim, a mão de obra escrava tornou-se fundamental.

Deste modo, os portugueses se aproveitaram desta estrutura e entraram neste comércio comprando e vendendo escravos, até mesmo dentro da própria África. Neste contexto, como a riqueza se baseava em ter escravos, podia-se inclusive transferir a propriedade adquirida, no caso o escravo, de pessoa a pessoa e, isto era moralmente aceito na sociedade africana.

Importante se faz ressaltar que não existia uma justificativa para a negociação além mar de escravos, visto que a África não estava sob qualquer pressão comercial e ecomômica (THONTON, 1949). No entanto, a tecnologia militar oferecida pelo colonizador fez com que a ganância aumentasse entre os africanos e estes passassem a oferecer cada vez mais escravos em troca de armas para garantir sua defesa contra os inimigos. Desta forma o tráfico tormou-se cada vez mais cruel.

#### A bordo dos negreiros

Na longa travessia do Atlântico, os negros ficavam amontoados nos porões dos navios, acorrentados e amarrados em troncos, submetidos a uma condição bastante insalubre. Ao longo dessa viagem muitos morriam, o que gerava prejuizo financeiro para os compradores.

Neste contexto, os comerciantes tumbeiros descobriam, logo nos primeiros contatos com a África, que os negros, além de pendores para todas as artes, têm o ritmo na alma. Assim, quando traziam suas cargas para o Brasil, regularmente levavam os cativos para o convés e os fazia dançar e cantar de forma a evitar doenças como o banzo que, acometendo um negro, mata-o de tristeza (MARTINS, 2008).

Dessa forma, os negros arrancados de seu convivio social se misturam a outros tantos na nesma condição. Muitas vezes, até inimigos de outras tribos eram colocados juntos, pessoas totalmente estranhas, de dialetos diferentes passavam a conviver lado a lado, com a mesma dor e o mesmo sofrimento (MATTOSO, 2003). Segue-se, dessa maneira, a jornada dos degredados de sua terra natal. Sua cultura, sua tradição religiosa vai ficando cada vez mais distante, sumindo na linha do horizonte.

Certamente o estupor e o medo, o abatimento e o pavor , o horror diante do desconhecido, do estranho e da coação, são suas primeiras reações. Mas os cativos vão pouco a pouco, penosamente, às próprias custas, aprender a existência de outro mundo, estranho e diferente (MATTOSO, 2003).

Todo o sofrimento e humilhação sofridos desde sua partida da África deixava os cativos atordoados. E, para piorar a situação, quando eles chegavam ao local de esembarque ainda pernaneciam alguns dias no navio, para a inspeção sanitária. Depois eram levados para uma gaiola coletiva, onde eram arrematados em leilões por senhores brancos, que verificavam o porte físico e os dentes. Se saudáveis, recebiam lances, e o negro iniciaria uma outra vida, por certo, uma outra história.

#### Negros de engenho, das minas e cidades

Com a introdução da economia açucareira, impostos eram cobrados sobre todo o tipo de mercadoria que era produzida e negociada, inclusive escravos. A coroa recebia uma porcentagem por cada escravo que era vendido ao senhor de engenho. Mais tarde, houve também a tributação sobre o fumo, o couro e o algodão.

Essas cobranças de altas taxas obrigavam o engenho a aumentar a sua produção, assim, para se ter lucro no negócio, era necessário explorar cada vez mais o trabalho do escravo. Nesse sentido, ainda é importante ressaltar que os trabalhos na lavoura e no engenho não representavam a totalidade do que era exigido dos cativos. Eles eram obrigados a construir e reparar cercas, cavar fossos, consertar estradas e pontes, prover a casa-grande de lenha, reparar os barcos e os carros de boi e uma série de outras atividades, além de ter de providenciar parte de seu próprio alimento, pescando, caçando ou cuidando da roça.

Diante dessas condições, um escravo revoltado podia facilmente sabotar a produção do engenho. Bastava espremer

limão em uma caldeira de melado para impedir a sua cristalização em açúcar. Dessa forma, para conseguir a colaboração dos escravos era preciso recorrer a incentivos. Os senhores costumavam, portanto, pagar os escravos com pequenas quantidades de açúcar, aguardente, melaço, roupa ou mesmo dinheiro.

Esses descontentes, os resistentes, os rebeldes ou os fugitivos. Cada um ao seu modo e de acordo com seus próprios meios, procurava alterar o sistema e sua regras. Para alguns, era um modo de barganhar melhores condições para si e para o grupo; para outros era uma maneira de adquirir poder, liberta-se e determinar seu próprio destino; e para um outros grupos, um meio de virar a mesa sobre seus senhores e governantes (Thornton, John Kelly, 1940).

Desse modo, mesmo sendo escravo, a luta contra a tirania fazia com que o negro buscasse de toda forma coagir os seus senhores, seja através de sabotagens ou pequenos furtos e, até mesmo, através da forma cantada, que por vezes incomodava os administradores, deixando-os temerosos, por causa de uma possível rebelião. Trapacear o senhor é um jogo que tem justificativa na própria opressão (MATTOSO, 2003).

Dentre as formas de protesto estavam as músicas em dialeto yorubá ou nagô, misturadas com palavras em português, que os negros costumavam cantar enquanto trabalhavam ou, até mesmo, na senzala. O Canto<sup>23</sup> de trabalho era, muitas vezes, um protesto contra o brutal sistema escravagista.

Cantos de trabalho são cantos acompanham o trabalho, entoados coordenação com o movimento do corpo. Ao enfrentar a dureza de suas tarefas braçais, o escravo cantava para revigorar-se ao som de sua própria voz. No transporte de cargas pesadas , por exemplo, quando um escravo via o companheiro fraquejar as pernas, punha-se ao seu lado e cantava, marcando o ritmo da caminhada. Então o que estava a ponto de cair respondia primeiro com a voz débil e quando o companheiro respondia mais forte clareava a voz . Firmava os passos e os dois seguiam sem mais demonstrar cansaço. (Lopes,NEI: Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, São Paulo: Selo Negro, 2004)

A insatisfação era manifestada por símbolos culturais como cantigas de trabalho e provérbios que desafiavam os mecanismos próprios do sistema colonial. O protesto se dava em forma de versos cantados com raiva: Branco diz que preto furta// Preto furta com razão: Sinhô branco também furta// Quando faz escravidão (MATTOSO 2003).

Essa maneira de expressar do negro enquanto cativo no Brasil era diferente da maneira com que ele se expressava em terras africanas, pois sua condição de escravo nos engenhos, trabalhando até 14 horas a fio e com uma alimentação insuficiente para matar sua fome em nada lembrava a de sua terra natal. Normalmente, os cativos levantavam-se por volta das cinco horas da manhã e ao toque do sino do feitor se reuniam no terreiro para receberem as ordens do dia. Em alguns engenhos, sobretudo nos pertencentes a ordens religiosas, os escravos eram obrigados a fazer uma oração matinal antes de seguir para o trabalho no canavial. Em geral, eles trabalhavam em turmas que reuniam entre dez ou quinze cativos. Às nove horas, os cativos paravam para uma pequena refeição e três ou quatro horas depois almoçavam, ali mesmo no campo. Depois disso. continuavam trabalhando até o anoitecer. Já em sua terra natal ele era livre para viver a sua crença, conviver com os parentes e o ambiente era conhecido. Não resta dúvida que sua alegria era outra.

> A canção de trabalho adquiriu suas qualidades distintas América, por uma série de motivos. Em primeiro lugar, embora o canto para acompanhar o trabalho do homem fosse uma coisa de todo comum na África Ocidental, torna-se óbvio que o trabalho em terra própria se mostra bem diferente do trabalho forçado numa terra alheia e estrangeira. E a despeito a insistência física necessária para seguir uma canção de trabalho ainda se encontrar presente, referências acompanhantes do trabalho haviam se transformado radicalmente. A maioria dos africanos ocidentais era composta de lavradores, e tenho a de que essas canções agrícolas poderiam ter sido usadas nas terras do Novo Mundo do mesmo modo

que no Velho. Mas, a letra de uma canção onde se dizia que 'Depois de plantar, se os deuses fizerem chover/ Minha família, meus ancestrais, serão ricos tanto quanto são belos' não poderia aplicar-se nas circunstâncias horríveis da escravidão (TINHORÃO, 2008)

Cantos como "na fazenda da Cachoeira,//Tem cabrito, tem boiada,//Tem carneiro, tem porcada/Urubu tá comendo foia... ,//(Coro) Lá, lá ri, lá, lá lá ri" eram utilizados como analogia a situação do negro cativo, ou seja, o dono da fazenda Cachoeira, apesar de muito rico (" Tem cabrito, tem "boiada"), só dava aos seus trabalhadores couve para comer. Ora, negro comendo couve era o urubu comendo folha.

Assim, de norte a sul do Brasil, os negros contribuíram para o desenvolvimento do país com os seus braços e, foram, por muito tempo, o pilar mestre da economia açucareira, mineradora, dentre outras. Nas cidades, como os negros faziam todo trabalho pesado, encantavam muitos Viajantes com seus cantos animados.

Na descrição do capitão Theodor Von Leithold é ressaltado, desde logo, o verdadeiro sentido do canto de trabalho dos negros, pois ao ouvir-lhes a cantoria com as cargas à cabeça, lembrou-se logo do coro lenhadores da Alemanha: "Esses escravos são extremamente ágeis e robustos. Podem carregar incríveis sobre a cabeça. Quanto mais pesado parece ser o trabalho, mais selvagemente se põem a cantar, como se sua força fosse estimulada pelo igual dos nosso [alemães] lenhadores. Seu instrumento consiste numa gaita prêsa a uma tábua em que estão esticadas duas cordas, que eles tocam caminhando ou reunidos à porta de uma venda para dançar ao som do mesmo." "Ao carregar esses fardos pesadíssimos, através das ruas, os pretos cantam uma espécie de coro, que não deixa de ser uma maneira muito útil de prevenir o transeunte para que saia da frente, já que, em meio aos ruídos da cidade. numerosos (GOMES, 1996)

Por fim, não se pode deixar de fazer referência às negras de tabuleiros, que vendiam seus quitutes pelas ruas das cidade: Salvador, Rio de Janeiro, Ouro Preto. Elas, além de ganhar o seu sustento e o de sua família, faziam o intercâmbio entre os faiscadores e os contrabandistas de ouro, faziam contato com os negros de canto que organizavam rebeliões para impor respeito para o seu grupo ou até mesmo organizar fugas para quilombos. E ainda, no seu vai e vem sempre entoavam canções.

Afinal, tarde da noite, quando a maioria das famílias se preparava para dormir, algumas negras velhas vagueavam pelas ruas sombrias e, olhando o céu abaixo, entoavam cantos de melodias claras e melancólas de origem africana e de versos, em parte, africanos . mercando as guloseimas, comidas e bebidas que tinham para vender. Esses cantos pesarosos eram terno ao cidade. ouvido. embalavam a (Bernardo, 2003)

#### CONCLUSÃO

Diante dos fatos apresentados podese concluir que após um longo periodo de escravidão no Brasil é inegável o papel do negro na formação cultural desta terra. A mãe África ficou no horizonte, perdida do outro lado do Atlântico, mas as raizes deste frondoso Baobá (árvore símbolo da África) se espalhou pelo território brasileiro dando um tempero todo especial a esta nação de brancos, negros, mulatos, cafusos e mamelucos.

#### REFERÊNCIAS

BERNARDO, Teresinha. Negras, mulheres e mãe: lembranças de Olga de Alaketu / Teresinha Bernardo. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

GOMES, Flávio dos Santos. org. REIS, João José. Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil. São Paulo. Cia das Letras 1996.

MARTINS, Tarcísio José. **Quilombo do Campo Grande** – A história de Minas que devolve ao povo, MG: Ed Santa Clara, 2008.

MATTOSO, Kátia de Queirós. Na África: ser vendido como escravo. In: Ser escravo no Brasil, SP .: Brasiliense, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças e folguedos. Origens. São Paulo: Ed 34, 2008.

THORNTON, John Kelly. A África e os africanos na formação do mundo Atlântico: 1400-1800: tradução Marisa Rocha Mota – RJ, Elsevier, 2004.